

---

Pedro Manuel Malaquias Pires Urbano\*

### **RESUMO**

Este capítulo é um ensaio sobre as relações entre trabalho e bem-estar, sobre o pano de fundo da temática da qualidade de vida, numa perspectiva evolucionista.

A qualidade de vida, como bem-estar geral dos indivíduos e das sociedades, é um conceito amplo que delinea características negativas e positivas da vida, incluindo não apenas riqueza e emprego, mas também o ambiente construído, saúde física e mental, educação, recreação e lazer, tempo e pertencimento social. Este ensaio formal aborda algumas questões sobre as relações entre trabalho e bem-estar sob uma perspectiva evolucionária.

**Palavras-chave:** Psicologia Evolucionista, bem-estar, saúde.

---

\* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal

A correspondência relativa a este capítulo deve ser endereçada para: [pedro.urbano@fpce.uc.pt](mailto:pedro.urbano@fpce.uc.pt)

## **ABSTRACT**

This chapter is an essay on the relationship between work and well-being, on the background of the quality of life theme, in an evolutionary perspective.

Quality of life, as the general well-being of individuals and societies, is a broad concept that outlines negative and positive features of life, including not only wealth and employment but also the built environment, physical and mental health, education, recreation and leisure time, and social belonging. This formal essay addresses a couple of issues about the relations between work and well-being under an evolutionary perspective.

**Keywords:** Evolutionary psychology, well-being, health.

---

## I. DA VIOLÊNCIA DO TRABALHO À ASPIRAÇÃO AO BEM-ESTAR E À FELICIDADE<sup>1</sup>

1. Argumenta-se vulgarmente que a origem etimológica do termo «trabalho» vem do latim *Tripalium* (ou *Trepalium*), vocábulo que terá começado por designar literalmente um instrumento com três paus (geralmente aguçados) ou varas, utilizado na lavoura, para subjugar ou imobilizar animais de grande porte; instrumento esse que poderá também, eventualmente, ter sido adaptado ou utilizado para outras tarefas agrícolas (bater o trigo ou espigas de milho, por exemplo). Vocábulo que a partir de certa altura, ainda durante o Império Romano, terá passado a designar igualmente um instrumento de tortura humana, para punir escravos; ou mais logicamente, apesar de o contexto da sua utilização não ser claro (e existir alguma controvérsia a esse respeito), um instrumento para imobilizar sujeitos durante sessões de tortura, possivelmente a partir de finais do século VI.

A transição do vocábulo *tripalium* para as várias línguas românicas, ou neolatinas, deverá ter ocorrido a partir do século XIII, vindo a dar origem nessas línguas (e respectivos dialectos) aos termos modernos, equiparados ao sentido actual da palavra em português — *trabalho* (galego), *trabajo* (castelhano), *treball* (catalão), *travail* (francês) ou *travaglio* (italiano). Sendo de registar, como uma de várias curiosidades, que na França rural ainda se utiliza o mesmo termo (*travail*) para designar um instrumento ou estrutura de madeira, ao que tudo indica semelhante ao que se pensa ter sido o instrumento original; ou que o vocábulo inglês *travel* derivará desse mesmo termo francês, por razões não muito claras, existindo nessa língua (como noutras) a palavra *labour*, a qual permitiu introduzir uma diferenciação entre trabalho e labor.

Seja qual for, ou tenha sido, a evolução dos seus diferentes sentidos, é relativamente consensual que a palavra *trabalho* adquiriu, a partir de um certo momento do devir das civilizações ocidentais, uma conotação negativa e, por assim dizer, dolorosa ou de sofrimento; ou, no mínimo, de algo desagradável, correspondendo à noção de esforço, de tarefa laboriosa. Conotação essa que foi acompanhando a evolução da própria noção de trabalho, já no sentido moderno do termo, e que se mantém *grosso modo* até hoje; não obstante ter co-existido a partir de certa altura, em paralelo, uma conotação positiva significativa – entre outras, o trabalho como forma de enobrecimento, de dignificação ou de progresso – veiculada, por exemplo, pela ética Protestante ou pela propaganda Soviética. Isto é: logo na Roma Antiga trabalhar seria sinónimo de escravatura (e, por conseguinte, de perda de liberdade); constituindo o oposto, não trabalhar, uma prerrogativa do patriciado;

---

<sup>1</sup> Nota prévia: este capítulo foi escrito utilizando a grafia anterior ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990.

clivagem essa que se manteve em grande parte da Europa nos séculos seguintes, com a divisão tripartida instituída pela Cristandade<sup>2</sup> da sociedade em três ordens ou estados (*bellatores, oratores e laboratores*), confirmando desse modo, por um lado, a associação entre trabalho e uma condição social inferior<sup>3</sup>; e, por outro lado, a noção de trabalho como significando tortura ou suplício. Clivagem e associação essas que a chamada Revolução Industrial não veio terminar ou amenizar, pelo contrário. O trabalho ganhou até, na era industrial, novas dimensões de desagradabilidade, de suplício ou mesmo de violência, em vários sentidos, que se mantiveram (em diferentes graus) nos séculos seguintes. No final do século XX, referindo-se especificamente aos Estados Unidos, Studs Terkel (1972) advertia logo nas primeiras linhas do seu lendário *Working* que o livro versava, tal como o trabalho, pela sua própria natureza, sobre violência: «It is about ulcers as well as accidents, about shouting matches as well as fistfights, about nervous breakdown as well as kicking the dog around. It is above all (or beneath all), about daily humiliations. To survive the day is triumph enough for the walking wounded amongst the great many of us» (p. xiii). Claro que sempre existiram uns tantos (poucos) felizardos, como reconheceu o próprio Terkel, «who find a savor in their daily job»; aos quais se poderia aplicar essa espécie de ditado popular, habitualmente (e erroneamente) atribuído a Confúcio, segundo o qual é suficiente encontrar-se algo que se goste de fazer, para nunca mais se ter que trabalhar um dia na vida. E claro que o trabalho, o acto de trabalhar, têm uma natureza múltipla; como também o reconheceu o próprio Terkel: «it is about a search, too, for daily meaning as well for daily bread, for recognition as well as cash, for astonishing rather than torpor; in short, for a sort of life rather than a Monday through Friday sort of dying» (p. xiii).

2. A violência aludida por Terkel não dizia respeito às lutas violentas que mancharam de sangue e lágrimas os primeiros passos do capitalismo industrial e que começavam enfim, nessa década de 1970, a fazer parte dos livros de História. A violência tem formas múltiplas, variadas, indirectas e, frequentemente, bastante subtis; entre as quais, justamente, a alienação pessoal presente em filigrana logo nas palavras iniciais de *Working*; a alienação de todos aqueles que vivem, feridos (metaforicamente), uma vida sem grande sentido, que consiste basicamente em morrer aos poucos, de Segunda a Sexta-feira, em troca da gratificação adiada do ordenado. Tal como comentou, não sem

---

2 Entenda-se Cristandade (grafada com inicial maiúscula) na seguinte acepção: «a comunidade de povos e nações que, professando a fé cristã e instituindo vínculos políticos, sociais e jurídicos de acordo com essa profissão, criaram a civilização e a cultura do Ocidente entre o séc. V e o séc. XVI.» (*Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. Edição Século XXI*, Vol. 8, col. 528).

3 Basicamente, a condição social do Terceiro Estado, nesse esquema tripartido.

---

sarcasmo, o grande romancista William Faulkner, nas páginas laudatórias do próprio livro de Terkel, ninguém consegue comer ou beber ou fazer amor durante oito horas; a única coisa que se consegue fazer durante oito horas, é trabalhar. Rematando: «which is the reason why man makes himself and everybody else so miserable and unhappy».

É óbvio que uma parte da narrativa brilhante e (muitas vezes) emotiva de Terkel diz respeito a um mundo que já não existe. Que era ainda o mundo da era industrial, parcialmente organizado pela divisão ou decomposição das tarefas de Adam Smith, pela «racionalidade» *taylorista*, pelo sistema burocrático de administração (etc.). Um mundo cujas sociedades, nas suas linhas mais genéricas, foram também elas organizadas e moldadas pelos princípios ou filosofia da simplificação do trabalho (etc.), assim como pelas realidades do novo tipo de economia que daí emergiu. Mas até a fábrica, o último reduto desse mundo acabou por perder progressivamente a rigidez mecanicista característica das formulações *tayloristas* (*fordistas*, *fayolistas*, etc.), chegando-se nalguns casos, a partir de certa altura, a inverter o processo de parcelarização das tarefas para, progressivamente, adoptar formas organizacionais mais flexíveis e construídas (em parte) sobre quem trabalha e as suas necessidades, motivações ou aspirações. No entanto, Terkel não deixa de enunciar, no meio de um labirinto de detalhes mundanos, por vezes apenas característicos ou idiossincráticos dessa era industrial, questões fundamentais às quais o autor não soube (ou não tinha como) dar resposta. Questões algo intemporais, por outro lado, que dizem respeito a algo de muito mais profundo, a algo de essencial, que subjazia ao mundo descrito nas histórias de vida que compõem *Working* mas que não desapareceu do mundo actual; pelo contrário, subjaz-lhe de igual modo.

É inegável que num curtíssimo intervalo de tempo, pouco mais do que quarenta anos, surgiu um oceano de diferenças entre o mundo tratado por Terkel e o mundo actual, pelo menos nas chamadas sociedades ocidentais. Todavia, algumas dessas diferenças são sobretudo ilusórias, por vezes superficiais e frequentemente pouco significativas. Outras são meramente circunstanciais. Ou seja, o oceano metafórico que insula os dois mundos não é tão profundo nem tão extenso quanto aparenta ser: sob as águas, cujo nível desenha os contornos de cada um desses mundos, permanece a mesma massa continental. Permanece aquilo a que se poderia chamar, no que a esta matéria diz respeito e com algum abuso de linguagem, a natureza humana. E a natureza humana não desapareceu do mundo actual, dentro ou fora das organizações ou das fábricas. Antes pelo contrário, em vários sentidos, está cada vez mais presente.

3. É de igual modo inegável que existem novos problemas, desconhecidos há meio século atrás, que vieram tomar o lugar dos problemas anteriores, alguns deles identificados

nas páginas de *Working* e entretanto solucionados ou considerados menos prioritários. Do mesmo modo que, convém não o esquecer, as pessoas ou gerações que existem agora são necessariamente diferentes das pessoas ou das gerações anteriores, a quem vieram tomar o lugar. Têm, por conseguinte, necessidades, motivações, expectativas e aspirações parcial ou totalmente diferentes.

Entre vários outros autores que se dedicaram à questão, Schabracq, Cooper e Winnubst (2003) enumeram, sem pretensão de exaustividade, problemas decorrentes ou co-ocorrentes de realidades recentes ou contemporâneas, tais como as fusões e repetidas reorganizações das empresas, numa espécie de fluxo ou frenesi contínuos; ou a introdução de novas tecnologias e de novas formas de organizar o trabalho; ou a automação de muitas tarefas significativas, que priva as pessoas do uso das suas competências e as deixa com tarefas alteradas, amiúde empobrecidas (p. 2); ou, ainda, a mudança do trabalho físico para o trabalho mental, que tende a causar mais *stress*, tal como os prazos-limite, tal como os ritmos frenéticos, tal como o baixo nível de controlo do trabalhador sobre o próprio ritmo do trabalho ou a sua diversidade (etc.). Aos quais problemas se poderiam acrescentar muitos outros, relacionados com fenómenos como a globalização da economia e das comunicações, como a aceleração dos desenvolvimentos tecnológicos ou como as próprias alterações sociais que as sociedades industrializadas têm vindo a conhecer, com particular intensidade nas últimas três ou quatro décadas. Fenómenos estes sobre os quais ninguém parece conseguir prever sequer o futuro próximo, de tal modo se têm mostrado inesperados e (aparentemente) caóticos no seu desenvolvimento; sobretudo todos aqueles que dizem respeito à tecnologia ou que dela mais directamente decorrem.

Contudo, toda essa multiplicidade ou labirinto de problemas é conceptualmente redutível a um conjunto muito mais limitado de vectores. E no que à Psicologia (em particular, aquela que se ocupa do mundo do trabalho e das organizações) diz respeito e interessa, poder-se-ia mesmo, a um nível superior de abstracção, condensar todos esses problemas actuais num só; num único conceito ou ponto de conexão, para o qual, à semelhança de um nó (rodoviário ou de uma rede de comunicação), parecem convergir todas as questões significativas nesta matéria: o *stress*. O que, sendo uma metáfora e em grande medida uma simplificação extrema, não deixa de ser uma forma válida de abordar a complexidade inerente ao fenómeno. O reductionismo metodológico é uma estratégia que provou amiudadas vezes ser eficaz em trezentos anos de história da Ciência moderna; desde que sujeito a vigilância permanente. Tal como terá afirmado Wendell Phillips,<sup>\*\*\*\*</sup> num outro contexto, «eternal vigilance is the price of liberty».

---

4 Discursando a 28 de Janeiro de 1852, perante os membros da *Massachusetts Anti-Slavery Society*.

---

4. O *stress*, ou mais exactamente o *stress* ocupacional, é um fenómeno relativamente recente, circunscritível e tangível. O que não quer dizer que seja um fenómeno simples.<sup>5</sup> Pode (por exemplo) ser expresso ou quantificado, na sua forma actual, através dos seus custos directos e indirectos exorbitantes, que (por exemplo) ascendem a centenas de milhares de milhões de dólares por ano, só nos Estados Unidos da América, a acreditar em Schabracq, Cooper e Winnubst (2003). Pode de igual forma ser expresso pelo rol extenso e conhecido das suas (putativas) consequências, enumeradas pelos mesmos autores na mesma ocasião. Consequências que vão do absentismo aos conflitos internos; da cooperação improdutiva à fadiga e ao desgaste profissional; da produtividade reduzida às doenças e despesas médicas correlativas; dos milhões de dias de trabalho perdidos por doença aos climas organizacionais que afligem ou acabrunham as pessoas e que as levam a contribuir ou a produzir pouco ou nada (etc.).

Nesse âmbito, pode-se dizer (generalizando) que o trabalho continua sendo para muitas pessoas, muitos séculos após a Antiguidade romana, uma tortura; ainda que esta seja agora mais simbólica do que literal. Continua sendo algo de doloroso; um sinónimo de sofrimento ou, no mínimo, de algo desagradável. Havendo porém diferenças fundamentais nas razões para que tal suceda; em particular, e sobretudo, por se poder ter transformado, nesta *era de ansiedade*,<sup>6</sup> numa fonte de *stress*, ocupacional ou não, com o seu cortejo de sinais, sintomas, causas, consequências e morbilidades ou co-morbilidades associados e associadas. Ou seja, ainda que trabalhar não tenha mais o significado de escravatura, nem constitua mais uma marca infamante de condição social inferior, pode em muitos casos continuar a ser uma forma (diferente e mais subtil, algo insidiosa) de violência; tanto mais quanto trabalhar ou não trabalhar não constitui propriamente uma escolha para a extensa maioria da população dita «activa» (ou seja, em idade de trabalhar) nos países industrializados. E talvez por isso, mas também por outras razões, se assista hoje àquilo que Schabracq, Cooper e Winnubst (2003) definem como o reconhecimento crescente da interdependência entre trabalho e saúde, ou bem-estar, que tem vindo a acontecer em todas (ou quase todas) as sociedades industrializadas; reconhecendo-se

---

5 Antes pelo contrário. Schabracq (2003), por exemplo, sintetiza assim uma das dimensões do fenómeno, tendo em conta a sua intrínseca complexidade: «Work that becomes too challenging, demands more knowledge, skills and abilities than we can mobilise. It becomes impossible to deal with the task in a systematic and orderly way. Chaos takes over, our involvement vanishes and task performance breaks down. As we lose control over our task performance, having to perform the task anyhow then becomes a serious stress source. This activates a primordial response pattern, which is only appropriate in situations that quickly demand intensive bodily activity, for example in situations of life or death. In situations of a different kind, it can activate a lengthy vicious cycle, which affects our effectiveness, motivation and creativity» (p. 28).

6 A expressão é de Gaulin e McBurney (2004).

simultaneamente a urgência dos problemas do impacto crucial do bem-estar e da saúde no local de trabalho. Precisando os mesmos autores que, «although these two areas have different origins and have developed out of different traditions, large elements of each now find themselves in this same conceptual and empirical arena» (p. xv). Dito por outras palavras, apesar das suas origens distintas, trabalho e saúde (quer em si mesmos, quer em referência às áreas da Psicologia que deles se ocupam) convergem hoje para uma órbita comum, gravitando em torno de um corpo maior, o conceito complexo e multidimensional de qualidade de vida.<sup>7</sup>

Contudo, o *stress* em sentido geral é um fenómeno de maior amplitude, que transcende o *stress* ocupacional e, em muito, as organizações onde as pessoas trabalham ou passam partes significativas das suas vidas. Para as quais organizações, aliás, as pessoas podem transportar o *stress* que lhes é causado (simplificando a questão) por factores pessoais das suas próprias vidas; e não necessariamente devido a factores associados à ocupação ou ao local de trabalho. Dito em termos muito simples: não são apenas as organizações que podem causar *stress* nas pessoas; por vezes, são as pessoas que levam o *stress* para as organizações e, nesse sentido, lhes causam *stress*. É por isso mesmo, e para além disso mesmo, um fenómeno de grande complexidade. Mesmo a tarefa aparentemente básica de o circunscrever, ainda no que à Psicologia diz respeito, é na realidade complexa, exigindo uma abordagem holística – global, transversal e integradora. A qual, por sua vez, pressupõe e constitui uma nova forma de perspectivizar os fenómenos humanos, na sua generalidade e nas suas diversas especificidades, em particular aquelas que estão relacionadas com o trabalho, com a saúde e o bem-estar, com a qualidade de vida, objectos centrais deste livro. Exigindo à Psicologia um novo paradigma, que ainda lhe é estranho (como se verá adiante) mas que se veio tornando comum noutras disciplinas; exigindo-lhe nesse âmbito e por exemplo que considere a perspectiva distal das questões ou explicações que a ocupam, e não apenas a perspectiva próxima. Exigindo-lhe por exemplo que considere a filogenia (ou evolução) e a função (ou adaptação) dos fenómenos que estuda; e não apenas a sua ontogenia (desenvolvimento) e os seus mecanismos (ou causas).<sup>8</sup>

---

7 Não irei desenvolver aqui este conceito, acerca do qual, em termos muito genéricos, se pode afirmar *e.g.* com Canavarro (2010): «O interesse generalizado em torno da temática da qualidade de vida (QdV), que tem ocorrido ao longo das últimas décadas, em muito se deve à multidimensionalidade do conceito, que favorece a abordagem do mesmo objecto de estudo por disciplinas muito diversas; ao seu poder heurístico, que tem suscitado um aumento exponencial do número de investigações na área; e, não menos importante, ao seu valor pragmático, patente nas suas diferentes aplicações práticas em domínios tão diversificados como a avaliação e a intervenção clínicas e a tomada de decisões políticas em saúde» (p. 3).

8 Faço aqui uma alusão às chamadas «quatro questões de Tinbergen», por alusão ao seu autor, o biólogo holandês

---

5. É interessante que *tripalium* tenha, ao que tudo indica, começado por ser um instrumento utilizado na lavoura, antes de assumir outros sentidos – em particular, o de instrumento de tortura – e, finalmente, a acepção mais comum hoje em dia, que corresponde genericamente à noção de ocupação com algum ofício, obra, profissão ou actividade (etc.). De facto, foi em grande medida a invenção ou o advento da agricultura que esteve, directa e indirectamente, na origem do próprio conceito de trabalho. Assim como esteve na origem de um número espantoso de conceitos que marcam, ainda, a civilização ecuménica que nasceu com a agricultura; entre outros, a moeda, a escrita, a noção de propriedade, a cidade ou o estado.

Ou seja, dito em termos simples, trabalhar foi a *excepção* e não a regra na história da Humanidade; ou, se se preferir, no longo processo de hominização da espécie, que se pode estimar como tendo tido início num período compreendido entre cinco a sete milhões de anos atrás (considerando como referência a separação em relação ao tronco comum com outros primatas). Em marcado contraste com tal escala de tempo, a invenção da agricultura correspondeu a uma revolução (a «revolução da biomassa<sup>9</sup>) que se iniciou no «Crescente Fértil» há somente uns doze mil anos. Revolução ecuménica, mudança fundamental que ocorreu, de forma diacrónica e praticamente universal, no evolutivo da humanidade quando a espécie, até aí de caçadores-recolectores, começou a domesticar espécies vegetais e animais; e que acabou definindo, nos seus traços mais amplos, a civilização tal como ainda hoje se conhece. Sendo que até esse ponto, não se «trabalhava» e, muito possivelmente, o *stress* era não mais do que uma resposta fisiológica, padronizada e primordial, apropriada e adaptativa, para situações que exigem uma reacção (vegetativa) rápida.

---

Nikolaas Tinbergen (1907-1988), que partilhou em 1973 o Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina com Karl von Frisch e Konrad Lorenz. Estas quatro questões (ou explicações ou níveis de análise), baseadas nas quatro causas de Aristóteles, sugerem e pressupõem uma compreensão integrativa do comportamento (animal); a qual tem necessariamente que incluir níveis de análise proximal e distal, assim como sincrónicos e diacrónicos. Ou seja, esquematizando, o conhecimento e a compreensão de um determinado comportamento implica o conhecimento e a compreensão da sua filogénese (ou evolução), da sua ontogénese (o seu desenvolvimento no indivíduo), do mecanismo (ou causa) e da sua função (ou adaptação). Para uma exposição sintética destes quatro níveis de explicação, veja-se por exemplo Gaulin e McBurney (2004, pp. 15-16).

9 Não me parece excessivo considerar esse fenómeno como uma «revolução», tal como defendi anteriormente (Urbano, 2007), pese embora a utilização excessiva que se tende a fazer da palavra «revolução». Com efeito, a biomassa disponível (entenda-se: digerível) a partir da invenção da agricultura por unidade de terreno passou, em termos médios, de 0,1 para 90%: «By selecting and growing those few species of plants and animals that we can eat, so that they constitute 90 percent rather than 0.1 of the biomass on an acre of land, we obtain far more edible calories per acre. As a result, one acre can feed many more herders and farmers –typically, 10 to 100 times more – than hunter-gatherers.» (Diamond, 1997: 88)

Este ponto, podendo passar despercebido, é no entanto de uma importância crucial para todos aqueles que defendem uma abordagem evolucionista para a Psicologia e pode ser tornado mais claro através de uma imagem: se cinco milhões de anos da evolução humana fossem comprimidos num único ano, tal como sugerem Gaulin e McBurney (2004), os antepassados da espécie teriam vivido *exclusivamente* da caça e da recolha de alimentos vegetais até à alvorada do dia 31 de Dezembro. A domesticação de animais e plantas ter-se-ia iniciado às seis da manhã desse mesmo dia e só ao início da tarde teriam começado a surgir algumas cidades de tamanho substancial. Mas mesmo nessa fase, todo o trabalho dependia ainda da força muscular, de pessoas e animais; uma vez que a Era Industrial, nesta metáfora, só teria surgido vinte minutos antes da meia-noite (p. 41).

6. Deste facto, relativamente anódino e incontestado (e, nessa medida, pacífico), decorrem várias e vastas consequências para a abordagem evolucionista da Psicologia, em particular para a sua corrente principal (ou paradigma dominante), que será apresentada adiante e cujo primeiro postulado heurístico é simples de enunciar e caracterizar, com Gayon (2007): as adaptações psicológicas características da espécie humana são traços complexos, que exigiram centenas de milhares de anos de selecção cumulativa. Tais adaptações (cognitivas, linguísticas, emocionais, sociais) ter-se-ão formado durante esse extenso período de cinco a sete milhões de anos; ou, quanto muito, durante o período plistocénico, que corresponde ao intervalo de tempo compreendido entre (tanto quanto é possível datar tais acontecimentos) há aproximadamente 2.500.000 anos e a emergência da agricultura, há cerca de 12.000 anos. Dito por outras palavras, durante esta longuíssima fase «pré-histórica», foram criados, através de processos múltiplos (ou apenas através de um único, a selecção natural), um grande número de esquemas comportamentais inatos, em resposta às características de um ambiente composto, convencionalmente designado por «ambiente da evolução adaptativa» (*environment of evolutionary adaptedness*). Ambiente que não corresponde a nenhum *habitat* específico, mas antes a um conjunto heterogéneo de propriedades dos ambientes ancestrais que tiveram impacto na adaptação psicológica da espécie. Ambiente principalmente determinado pelo modo de vida e pela demografia das populações humanas do Plistoceno e não tanto por condições físicas (ambientais, climatéricas, etc.), de resto assaz variáveis ao longo de um período tão extenso.

Ou seja, além de nunca ter «trabalhado» durante quase toda a história da sua evolução, a espécie humana terá sido quase que exclusivamente moldada, na sua psicologia como na sua fisiologia como noutras dimensões do seu existir, por condições de vida deveras diferentes daquelas que existem actualmente. O que significa, em termos elementares,

---

que uma parte importante e significativa dos problemas de adaptação que a espécie sente actualmente, em relação às actuais condições de vida (e não apenas às actuais condições de trabalho), pode e deverá ter a sua origem no facto igualmente elementar de que existe uma divergência fundamental entre tais condições de vida e as condições que por assim dizer a moldaram. Dito de uma forma popular e algo simplória, a espécie humana vive hoje num mundo moderno (real mas também virtual) de grande complexidade (social, tecnológica, etc.), para o qual não está completamente preparada ou adaptada, uma vez que continua em parte dotada da mentalidade desenvolvida pelos seus antepassados, caçadores-recolectores da Idade da Pedra; que, tanto quanto é possível saber, viveram durante milhões de anos em pequenos bandos nómadas. Talvez por isso seja o bem-estar, ou a felicidade, tal como observa um dos principais pensadores da corrente evolucionista em Psicologia, David Buss (2000), um objectivo comum pelo qual as pessoas lutam mas que permanece, de forma frustrante, fora do alcance para muitos. Talvez por isso permaneça ainda a espécie humana, tal como afirmou, com violência Blaise Pascal<sup>10</sup>, uma quimera, um caos, um sujeito de contradições. Ou, resumindo, um monstro incompreensível.

## II. DA ABORDAGEM EVOLUCIONISTA EM PSICOLOGIA AO MONSTRO DE PASCAL

1. É nada menos do que assombrosa, a profecia de Charles Darwin acerca do futuro da Psicologia, impressa há mais de 150 anos, numa das últimas páginas de *On the origin of species*: «In the distant future I see open fields for far more important researches. Psychology will be based on a new foundation, that of the necessary acquirement of each mental power and capacity by gradation. Light will be thrown on the origin of man and his history» (1859, p. 488).

Profecia assombrosa que, todavia, naquilo que à Psicologia na sua globalidade diz respeito, está ainda em grande medida por se cumprir. Não obstante tudo o que a Psicologia teria obrigação de saber, e de reconhecer, acerca da grandiosidade do génio, quase desumano, de Darwin; ou da sua lucidez sublime, que se manifestou não raras vezes em clarões de espírito como esse. Insuficientemente conhecido, deficientemente compreendido, frequentemente ignorado ou (pior ainda) desprezado e marginalizado,

---

10 As palavras de Pascal a que faço alusão, impressas postumamente em *Pensées (XXI)*, são as seguintes: «Quelle chimère est-ce donc que l'homme? Quelle nouveauté, quel chaos, quel sujet de contradiction? Juge de toutes choses, imbécile ver de terre; dépositaire du vrai, amas d'incertitudes; gloire, et rebut de l'univers. S'il se vante, je l'abaisse; s'il s'abaisse, je le vante, et le contredits toujours, jusqu'à ce qu'il comprenne, qu'il est un monstre incompréhensible».

Darwin permanece para a corrente principal e dominante da Psicologia<sup>11</sup> uma figura decerto histórica mas vaga, de contornos mal definidos, fundamentalmente associada e circunscrita (tal como a sua obra e as suas ideias) à Biologia.

Parece ser um facto irrefutável que a figura e a obra de Darwin constituem pilares de toda a Biologia, e não apenas da sua vertente evolucionista. Facto que, noutro clarão de espírito, o geneticista e humanista Theodosius Dobzhansky<sup>12</sup> (1973), condensou numa das frases mais vezes repetidas na literatura das ciências biológicas: «Nothing in biology makes sense except in the light of evolution». Darwin, como poucos génios (antes e depois dele) na grande viagem da busca do conhecimento a que se chama vulgarmente Ciência, foi efectivamente capaz de introduzir uma ruptura epistemológica de magnitude superior e lançar um novo paradigma, que transcendeu em muito o âmbito das ciências biológicas e se estendeu, virtualmente, a todas as outras ciências; muito em particular, a todas aquelas que, a começar pela Psicologia, têm (ou deveriam ter) os seus alicerces solidamente implantados na Biologia; que, por sua vez, tem os seus alicerces implantados na Química e na Física. Tal como referiu ainda Dobzhansky (1970), talvez a título de ilustração daquilo que idealmente deveria ser a integração conceptual vertical entre as principais ciências, o ser humano é composto por uns  $7 \times 10^{27}$  átomos agrupados em cerca de 10 mil milhões (10<sup>13</sup>) de células: «Esta aglomeração de células e de átomos possui certas propriedades espantosas: tem vida, sente alegria ou sofrimento, sabe fazer a discriminação entre o belo e o feio, entre o bem e o mal» (p. 23). A Psicologia não pode ser um castelo de cartas, assente na areia: dos átomos às células, das células ao sentido estético ou à ética, à moral, às sociedades ou à cultura, existe um fio condutor (um *fil rouge*, utilizando a expressão metafórica francesa), criado ou traçado pela própria evolução, que vai do infinitamente pequeno ao infinitamente complexo; evolução que vai do pré-orgânico ou super-orgânico, utilizando a célebre formulação de Herbert Spencer; que vai das formas pré-bióticas às formas de cultura, animal e humana, ou mesmo às formas de vida não biológicas, como aquelas que poderão advir da inteligência artificial.

---

11 Apresentei na dissertação *Da história e epistemologia da Psicologia* uma descrição e caracterização da corrente principal e dominante da Psicologia. Em termos muito breves, e para efeitos práticos, tal fenómeno diz respeito à corrente dominante, originária dos Estados Unidos da América, que a partir da década de 1940 se tornou prevalente e hegemónica na Psicologia ocidental e que de algum modo se arrogou, desde então, a autoridade para definir o seu rumo e o seu destino; quer em termos de investigação científica, quer em termos das suas aplicações práticas. A existência de uma tal corrente, a caracterização dos seus principais traços (como ideologia, como sistema de poder, como paradigma, etc.) e a história da sua ascensão à posição de supremacia que ainda hoje ocupa, foram temas recorrentes ao longo dessa dissertação, constituindo aliás uma das suas teses; razão pela qual, a juntar à extensão dos argumentos apresentados, remeto para a sua eventual leitura (Urbano, 2007).

12 Para uma breve apresentação biográfica da vida e obra de Dobzhansky, veja-se por exemplo o prefácio de E. Boesiger à tradução francesa de *Genetics of the evolutionary process* (Dobzhansky, 1970).

---

2. Não deveria ser excessivamente difícil de compreender que, *mutatis mutandis*, nada – ou muito pouco – em Psicologia fará sentido (ou muito sentido), a não ser à luz da evolução. Ainda que, por exemplo, as questões distais levantadas pela evolução não substituam as questões proximais, que dizem respeito à ontogenia ou aos mecanismos que estão na sua origem, de acordo com o famoso esquema das quatro questões ou níveis de explicação de Nikolaas Tinbergen<sup>13</sup> acerca do comportamento. Isto é, se por exemplo e por um lado é crucial conhecer a ontogenia de um determinado comportamento ou conjunto de comportamentos (como se desenvolveu ou se desenvolveram num dado sujeito ou grupo de sujeitos), não é por outro lado menos fundamental conhecer e compreender a sua evolução, quer através da sua filogenia, quer através da sua função; ou seja, como tal ou tais comportamentos se originaram e se modificaram ao longo da história evolutiva da espécie.

Todavia, a Psicologia dominante continua a sentir muita dificuldade em assimilar na sua reflexão e no seu corpo de conhecimentos a revolução epistemológica introduzida por Darwin e revista posteriormente por outros<sup>14</sup>; e, nesse âmbito, a necessidade de olhar para o sujeito humano em várias perspectivas (distais e proximais, diacrónicas e sincrónicas) e não em apenas numa ou, no máximo, em duas; como se o ser humano tivesse surgido no mundo por geração espontânea ou por disposição de alguma divindade, já formado em toda a sua complexidade. Talvez porque essa Psicologia esteja ainda demasiado próxima da opinião e do senso comum. Ora o senso comum, a opinião, pensam mal. «L'opinion pense mal, elle ne pense pas: elle traduit des besoins en connaissances» defende Bachelard (1938). «La science», acrescenta, «dans son besoin d'achèvement comme dans son principe, s'oppose absolument à l'opinion» (p. 16). Senso comum que, no fundo, continua a desejar para si mesmo um lugar especial no Reino de Deus sobre a Terra. Que mantém, ainda e sempre, a representação grandiosa de si mesmo, base aparente do seu amor-próprio enquanto espécie, supostamente diferente e única, tal como (supostamente) seriam únicas a sua origem e a sua condição. Tal como observava há já quase meio século Edgar Morin (1973), a propósito do seu conceito de evidência estéril, embora admitamos desde Darwin que somos filhos de primatas, não admitimos que sejamos, nós mesmos, primatas (p. 19). Ou, mais recentemente, pelo neurofisiologista William Calvin (1991): «Whenever a man stands up and proclaims himself as something special, unequalled in the world, we naturally become a little wary. Yet humankind as a whole has long

---

13 Ver nota 8.

14 Por exemplo com a teoria sintética da evolução, fundada em parte por Ernst Mayr, no que diz respeito à sua teoria da selecção natural.

been doing exactly that, proclaiming ourselves as special creatures for a long list of reasons.» (165-167)<sup>15</sup>

A Ciência não é «senso comum organizado», como afirmou ainda Darwin, em mais um dos seus clarões de espírito, numa das últimas edições de *On the origin of species*: “When it was first said that the sun stood still and world turned round, the common sense of mankind declared the doctrine false; but the old saying of *Vox populi, vox Dei*, as every philosopher knows, cannot be trusted in science.” (1872, p. 134) Para os tradicionalistas de antiga obediência, ironizava Stephen Jay Gould (1999), o ano de 1859 não foi de facto um bom ano (p. 167). Nem para os tradicionalistas nem, poder-se-ia acrescentar, para uma parte importante e significativa da futura Psicologia, que ainda estava para surgir como disciplina científica. «Yet, nearly a century and a half after *The Origin of Species* was published, the psychological, social, and behavioral sciences remain largely untouched by these implications, and many of these disciplines continue to be founded on assumptions evolutionarily informed researchers know to be false” (Tooby & Cosmides, 2002, p. 5).

3. Efectivamente, a Psicologia que Darwin anteviu e projectou para um «futuro distante» ainda não existe verdadeiramente, no início do século XXI; embora esteja finalmente e gradualmente a ser edificada, em parte devido aos esforços, tantas vezes imbuídos de proselitismo, de um grupo minoritário (e algo sectário) de pensadores, amiúde designado como o «grupo de Santa Bárbara»<sup>16</sup>. Em seu lugar, existe ainda uma disciplina em extensa medida construída sobre os preconceitos *behavioristas* e à imagem e semelhança de um modelo ou paradigma, transversal às várias ciências humanas e sociais, aparentemente dominante (talvez mesmo hegemónico) na maior parte delas, que alguns críticos apelidam de *Modelo Padrão das Ciências Sociais*, geralmente referido na literatura anglo-saxónica pela sigla SSSM<sup>17</sup>. Ou seja, articulada em torno de um conjunto de crenças partilhadas por um vasto número de praticantes de Psicologia (com ou sem consciência de tal facto), acerca da – por assim dizer – natureza humana; crenças essas que exercem

---

15 Sobre as diferenças ou distância entre a espécie humana e as outras espécies, diz ainda Calvin: «The list of attributes that separate humans from our distant cousins, the great apes, has been shrinking as our study of animal behavior has intensified. Culture, toolmaking, language, ‘consciousness’ – you name it, and some aspect of ethological research can probably provide an example from another animal. Instead of a quantum jump in ability separating us from the apes, we usually find that differences are more a matter of degree that humans have developed some attributes (say, language-related attention span) to a greater extent.» (177-181).

16 Ver nota 21, *infra*.

17 De *Standard Social Science Model*. Para uma apresentação crítica e caracterização extensa deste modelo, vejam-se em particular Badcock (2000), Gaulin e McBurney (2004), Pinker (2002) e Tooby e Cosmides (1992).

---

uma influência excessiva e até perversa sobre a disciplina, no seu todo, na medida em que lhe definem o rumo, de forma dogmática e estreita. Modelo esse que, entre outros pressupostos de base, postula a irrelevância da Biologia: «[...] biological constraints on human behavior are minor and unimportant» (Gaulin & McBurney, 2004, p. 3). Ou, dito de outro modo, modelo que se caracteriza por uma «biofobia» – «a tendency to avoid considering biological causes of human behaviour» (Badcock, 2000, p. 233)

Será em princípio a Psicologia Evolucionista, com um passado longo mas uma história curta (adaptando-lhe o dito de Ebbinghaus acerca da Psicologia<sup>18</sup>), quem irá estabelecer *uma* das pontes necessárias entre a biologia e a cultura humanas. Do mesmo modo como, utilizando as palavras de Pinker (2002), o estão fazendo as ciências cognitivas; ou as neurociências, ligando a mente e a matéria; ou ainda a genética do comportamento, entre o biológico e o mental (pp. 31-58). Ou, dito de uma outra forma: «evolutionary psychology is the long-forestalled scientific attempt to assemble out of the disjointed, fragmentary, and mutually contradictory human disciplines a single, logically integrated research framework for the psychological, social, and behavioral sciences [...]» (Tooby & Cosmides, 2002, p. 5).

4. É possível estabelecer, até como forma singela de lhe prestar homenagem, que o «longo passado» da Psicologia Evolucionista (ou, em rigor, a sua origem) remonta a Charles Darwin, quer em termos genéricos e formais, considerando-se como marco miliário a curta mas assombrosa profecia *supra* citada; quer, de uma forma mais elaborada e sistemática, através da obra *Expression of emotions in man and animals*, publicada em 1872, que constitui segundo algumas vozes (e.g., Stein, 2006) a primeira exposição alargada de ideias centrais para o moderno campo da Psicologia Evolucionista.

---

18 Desse passado «longo», pode-se enumerar em primeiro lugar o próprio Darwin. A partir dele, há um grupo minoritário e heteróclito de pensadores que tentaram aplicar o paradigma darwinista à Psicologia. De acordo com Tooby e Cosmides (2002), no que constitui uma pequena e parcial listagem: «Despite the marginalization of Darwinism within psychology during the twentieth century, a diverse minority of thinkers tried to think through how Darwinian insights could be applied to behavior. These efforts led to many valuable approaches, including: the instinct psychology of William James and William McDougall; the ethological approach of Tinbergen, Lorenz, and von Frisch, which integrated the careful observation of animal behavior in natural contexts with investigations of its adaptive significance and physiological basis; the sociobiological approach of Richard Alexander, William Hamilton, Robert Trivers, Edward O. Wilson, and many others, which tried to explain patterns of social behavior – differences as well as universals – in humans and other species in terms of their fitness consequences; nativist approaches to language pioneered by Chomsky (1959, 1966), Lenneberg (1967), and others, which brought to wider attention the question of whether one general-purpose learning system could account for all learning; and even behaviorist psychology – quite orthodox with respect to the Standard Social Science Model – looked for phylogenetic continuities in the laws of learning that would apply across species.» (pp. 7-8)

Apesar desse «longo» passado, a Psicologia Evolucionista (Evolucionária, Evolutiva, etc.)<sup>19</sup> permanece estranha para largos sectores da comunidade de praticantes e de investigadores em Psicologia, que a desconhecem ou não têm sequer consciência da sua existência. O que, numa nota à margem, e tal como tem vindo a ser defendido por alguns, reflecte a tendência genérica da disciplina (isto é, dos seus praticantes) para negligenciar a sua história; arriscando-se dessa forma, por um lado, a repetir (sem os corrigir) os erros do passado; e a perder, por outro lado, o sentido da continuidade e do verdadeiro carácter do empreendimento científico.<sup>20</sup> Entre aqueles que a conhecem, em regra de forma superficial, existe pouco entendimento ou aceitação quanto ao seu valor epistemológico, relevância ou interesse; quando não existe pelo contrário contestação séria ou até exaltada. E entre aqueles, visivelmente uma minoria, que a defendem, continua a não haver notável entendimento quanto a uma definição clara do que é ou possa vir a ser. Existe, quanto muito, algum consenso em relação ao facto de não se tratar de uma (nova) área de especialização da Psicologia, constituindo antes uma forma de inquirir; uma abordagem aplicável a todas as áreas da Psicologia.

Nesse sentido, e em termos amplos, pode-se afirmar em primeiro lugar que a Psicologia Evolucionista se situa no cruzamento de vários debates cruciais – em particular, o eterno debate sobre as relações entre o inato e o adquirido – tratadas por diferentes disciplinas, às quais ela vai buscar inspiração ou nas quais projecta as suas raízes: a Antropologia, a Biologia, as Neurociências e a Psicologia Cognitiva; assim como, entre outras, a Biologia Molecular, a Ecologia do Comportamento, a Genética, a Inteligência Artificial, a Filosofia ou a Primatologia; ou mesmo a Física e a Matemática.

Pode-se afirmar em segundo lugar, especificando um pouco mais e utilizando para tal a distinção já clássica de David Buller (2005), que a expressão Psicologia Evolucionista tende a ser encarada num sentido genérico, designando (sem grande especificidade) um campo de pesquisa aberto, agrupando todas as abordagens que adoptam uma perspectiva

---

19 A expressão inglesa «*evolutionary psychology*» tem vindo a ser traduzida para a comunidade dos falantes da língua portuguesa sobretudo de três formas diferentes: como Psicologia Evolucionária, como Psicologia Evolucionista e como Psicologia Evolutiva. A estas três formas, poderiam-se acrescentar várias outras, semelhantes ou análogas, como (por exemplo) «Psicologia Evolucionista», «Psicologia Darwiniana» ou mesmo «Psicologia Diacrónica». De um certo modo, todas essas formas estão correctas, reflectindo em regra a escolha de qualquer uma delas (em detrimento de outra) influências ou modas estrangeiras e não alguma razão fundamental.

20 Defendi essa posição (e.g. Urbano, 2007, p. 96; mas também em Urbano, 2015), recorrendo em particular a Marc Richelle (2002), que olhava criticamente para a relação que a Psicologia tem mantido com a sua história (uma relação de desprendimento, negligência, ignorância, etc.), notando por exemplo o quanto se tende na disciplina para os triunfalismos (freudiano, behaviorista, construtivista, cognitivista, etc.), pendor para o qual as lições de história constituiriam o melhor antídoto.

---

evolucionista sobre o comportamento ou sobre a Psicologia. Ou, em alternativa, como um modo de designar o paradigma dominante que entretanto emergiu, criado pelo chamado «grupo de Santa Bárbara»,<sup>21</sup> por referência ao pólo da universidade de afiliação de dois de seus principais promotores, a psicóloga Leda Cosmides e o antropólogo John Tooby. Grupo esse que efectivamente, reconhece Gayon (2007), soube construir a partir da década de 1990 um conjunto de doutrinas, funcionando como um paradigma partilhado por um grupo de investigadores influentes, tais como David Buss, Martin Daly, Steven Pinker, Donald Symons e Margo Wilson (sendo este segundo sentido o mais comum, que ocorre com frequência por omissão de qualquer outro, é também aquele que irá ser usado nas linhas que se seguem).

Pode, enfim, afirmar-se que a Psicologia Evolucionista articulada em torno do «grupo de Santa Bárbara» tem sofrido um elevado grau de contestação devido a problemas de variadas origens, entre os quais um dos maiores será, no fundo, muito semelhante àquele que Stephen Gould (1999) identificou a propósito de Galileu: avançou demasiado depressa e demasiado longe, de forma inutilmente provocadora (p. 82).<sup>22</sup> Todavia, não obstante as polémicas nas quais se viu envolvida (ou que, nalguns casos, procurou activamente), não obstante o relativo sectarismo da sua corrente dominante, a Psicologia Evolucionista tornou-se um fenómeno de moda. O que não deixa de constituir, pelo menos à primeira vista, um paradoxo.<sup>23</sup>

5. Na realidade, por alguma razão de igual modo paradoxal, ou por outro qualquer conjunto de razões, a própria noção darwinista de evolução permaneceu durante as

---

21 Mais exactamente, o *Center for Evolutionary Psychology*, fundado e dirigido por Tooby e Cosmides, está afiliado à Universidade da Califórnia, no pólo de Santa Bárbara. É contudo de notar que nem todos os seus membros estão (ou estiveram) associados a essa universidade, como é (ou era) o caso de Irven DeVore, de Paul Ekman, de Michael Gazzaniga, de Steven Pinker ou de Roger Shepard.

22 Haveria muito mais a dizer sobre esta matéria complexa, que extravaza com frequência do domínio científico para a arena política, mas este não é o local para o fazer.

23 Esta é uma matéria sobre a qual também haveria muito para dizer. Em termos prosaicos, pode-se afirmar que a Psicologia Evolucionista teve a sorte de aparecer no momento e no local certos. Em termos um pouco menos triviais, pode-se observar que teve o mérito de ocupar um lugar que foi deixado vazio pela Psicologia de um modo geral; isto é, que tem-se ocupado de questões que a Psicologia não quis ou não soube tratar. Sendo que, por outro lado, existe sobre diversas dessas questões um elevado grau de ignorância e, simultaneamente, a consciência dessa mesma ignorância, assim como a necessidade (e a vontade) de conhecer. Desse modo, numa visão simplista, ao interessar-se por questões que permanecem há muito (ou demasiado) tempo por responder, parte das quais com notável potencial heurístico, outras com imediata aplicação prática, a Psicologia Evolucionista acabou tornando-se um fenómeno de moda.

últimas décadas confinada ao ambiente restrito da Academia; e, dentro desta, ao jardim das ciências biológicas. Se sobreviveu fora desse ecossistema cognitivo, após o entusiasmo inicial, fê-lo numa espécie de limbo e votada ao esquecimento (ou, ao invés, à contestação feroz) pelo senso comum. Até que, de modo surpreendente, saiu à rua e se veio a tornar nos últimos anos num fenómeno de moda.

Em rigor, aquilo que se tornou num fenómeno de moda é uma versão vagamente assemelhada à noção darwinista de evolução que, tal como o seu autor, é fundamentalmente mal conhecida e mal compreendida pelo senso comum. Apesar disso, e tal como notam Laland e Brown (2011), o pensamento evolucionista está actualmente em todo o lado <sup>24</sup> e a teoria da evolução parece oferecer uma solução para quase qualquer mistério:

Everyday, the newspapers abound with evolutionary explanations for human characteristics such as 'aggression' or 'criminal behaviour', whereas book shops are overflowing with popular science texts boldly asserting that evolution will reveal how to find your perfect partner, how to have a successful marriage, or how to make it to the top of your profession. We are told by various authors that our minds are fashioned to reason such as hunter-gatherers, that we behave like 'naked apes' floundering in a modern world, that rape is natural and male promiscuity inevitable, and that everything we do is ultimately a means to propagate our genes» (p. 1).

As palavras de António Sérgio que, ao prefaciar uma tradução de *Os problemas da Filosofia* de Bertrand Russell (1912), se insurgia contra as modas filosóficas propagandeadas em tom catecismal e dogmático, são neste ponto preciosas:

Filosofia fácil, – cultura falsa. O prosélito amador que tudo crê resolvido por meia dúzia de fórmulas extremamente simplórias (tomadas, não raro, de vulgarizações deturpantes) é um espírito ingénuo que resolveu os problemas sem chegar a perceber onde os problemas jazem, que dificuldades os formam, em que é que eles consistem. Adota um caminho, – sem que tenha entendido quais caminhos há; em que aspectos diferem; que vantagens oferecem; que obstáculos opõem; a quais rumos seguem» (op. cit., p. 8).

---

24 Chegando por vezes a extremos que não estarão muito longe de roçar o ridículo. A palavra ainda a Laland e Brown (2011): «Up-and-coming young executives look to evolutionary lore for the latest in business acumen. Prisons use evolutionary logic to reduce tension among inmates. Medics exploit knowledge of human evolution to revise diagnoses and develop new treatments. Even grocery stores are taking on evolutionarily minded psychologists as consultants to tell them how best to stack their shelves.» (p. 1)

---

Ao que se poderia acrescentar, com Bachelard (1971), aludindo ao empirismo do século XVIII e à descoberta do fenómeno da electricidade (que possibilitou numa primeira abordagem um conhecimento aparentemente científico, uma 'ciência' fácil), o seguinte:

«Assim, estas doutrinas primitivas, que abordavam fenómenos tão complexos, apresentavam-se como doutrinas fáceis, condição indispensável para serem divertidas, para interessarem um público mundano. Ou, ainda, para falar em filosofia, estas doutrinas apresentavam-se com a marca de um empirismo evidente e inato. É tão doce para a preguiça intelectual acantonar-se no empirismo, chamar a um facto um facto e impedir a investigação de uma lei!» (op. cit., p. 43)

Não há muito mais a dizer sobre o fenómeno, a não ser que nem a Psicologia Evolucionista, nem o evolucionismo de um modo geral, têm beneficiado verdadeiramente com tal profusão ou abundância de fórmulas simplórias e de vulgarizações deturpantes, quantas vezes proferidas em tom sensacionalista.<sup>25</sup> As quais, antes pelo contrário, têm acima de tudo contribuído para afectar a credibilidade de todos, pois as doutrinas fáceis que agora se associam ao evolucionismo, criam a ilusão acima apontada de permitirem resolverem problemas, sem no entanto sequer se ter chegado a perceber onde os problemas jaziam, que dificuldades os formavam ou em que é que eles consistiam. Dito de uma outra forma: criam muitas vezes pseudo-soluções para pseudo-problemas.

6. Deixando de parte a questão da moda, fenómeno que de resto tende a ser transitório, é relativamente consensual aceitar que a perspectiva evolucionista veio, nas várias ciências ou ramos da Ciência às quais se pode aplicar, trazer um sentido novo a uma série de dados até aí dispersos. No caso da Biologia, isso é bastante evidente; nos outros casos um pouco menos. No caso da Psicologia, é particularmente obscuro.

No entanto, ou por isso mesmo, a Psicologia necessita mais do que nunca de uma abordagem global, transversal e integradora, que lhe traga unidade e coerência após a prolongada fase de forte crescimento e notável diferenciação que marcou os últimos cem anos. A perspectiva evolucionista, apesar dos excessos de alguns dos seus defensores (bem como de alguns dos seus detractores), constitui, entre outras coisas, uma tentativa de juntar

---

25 Além dos exemplos apontados atrás com Laland e Brown (2011), poder-se-ia juntar as supostas dietas do Paleolítico ou as supostas diferenças estereotipadas entre homens e mulheres, vulgarizadas por livros populares como *Men are from Mars, women are from Venus*, de John Gray, com mais de 50 milhões de exemplares vendidos um pouco por todo o mundo.

as suas diferentes partes num quadro integrado, verticalmente (isto é, com as outras ciências) e horizontalmente (em relação aos seus diversos ramos e especializações); traçada sobre o pano de fundo do papel das pressões evolutivas (processo extremamente demorado, de milhões de anos) no moderno comportamento humano. Tornando-se, nesse âmbito, uma espécie de «macroscópio», o instrumento conceptual ou simbólico proposto por Joël de Rosnay (1975), compósito abstracto de métodos, técnicas e saberes tomados de empréstimo a disciplinas muito diferentes (p. 10); um instrumento que filtra os detalhes, que amplifica aquilo que os une, que faz sobressair aquilo que os aproxima; uma forma de observar aquilo que é ou demasiado grande, ou demasiado lento ou demasiado complexo para os olhos humanos, ao ponto de se tornar invisível (p. 10). Ou seja, se não implicar uma mudança de paradigma, sobretudo em relação à corrente dominante da disciplina, representa pelo menos uma ruptura epistemológica; que, tal como sucede com todas as rupturas desse género, rejeita ou relega para um plano secundário vários dos conhecimentos anteriores; o que em si só é suficiente para criar resistências à sua implementação. Todavia, não deverão existir muitas outras formas de ultrapassar o impasse no qual a disciplina se encontra, de modo a resolver algumas das questões em aberto, simbolicamente representadas pelo «monstro incompreensível» de Pascal.

## CONCLUSÃO

1. Trabalhar, na acepção moderna e vulgar do vocábulo que terá surgido na Idade Média e que persiste até hoje, parece ser um acidente de percurso no devir da humanidade; um parêntese ou uma muito pequena, muito breve excepção (ou mesmo ínfima, se se considerar a escala de tempo em causa) no seu *modus vivendi*. O que não significa que os antepassados da espécie não tivessem actividade. Por si só, o facto incontornável e incontestável de terem que assegurar a sobrevivência quotidiana significa que existiu sempre actividade voluntária, deliberada e organizada, durante os milhões de anos que precederam a invenção da agricultura. Sobreviver implicou desde logo, durante todo esse tempo, nas condições de vida ancestrais (quaisquer que tenham sido) que moldaram a espécie, caçar animais e colher alimentos vegetais, em proporções variáveis. Sendo que a primeira actividade se traduzia necessariamente em expedições que se podiam prolongar por dezenas de quilómetros, sem a garantia de sucesso; (aliás, mesmo um animal ferido pode percorrer um longo trajecto até sucumbir). Implicando a segunda, de igual modo, longas caminhadas, mesmo que circulando a área do acampamento, frequentemente carregando crianças pequenas. A questão de se poder considerar, ou não, tais actividades de subsistência ou sobrevivência como «trabalho», é em grande medida uma questão de semântica, sobretudo numa óptica evolucionista; o importante

---

é compreender a natureza ou carácter de tais actividades, compreendendo ao mesmo tempo em que aspectos significativos diferem da natureza e do carácter daquilo que hoje se considera trabalho.

Um desses aspectos significativos, pelas suas implicações, é o facto de os antepassados da espécie não «trabalharem» todos os dias: «Days of hunting or gathering would alternate with days spent around the camp resting and taking care of housekeeping, tool making and repairing, and other chores. This is, incidently, the pattern that modern athletic coaches find leads to greatest training effect and performance» (Gaulin & McBurney, 2004, p. 224). Este facto, constante ao longo de milhões de anos, acabou traduzindo-se num *padrão de actividade*, para o qual Gaulin e McBurney (2004) chamam a atenção, não sendo todavia os únicos a fazê-lo: a espécie humana foi «concebida» para descansar sempre que possível; ou sempre que não seja necessária actividade. Numa lógica evolucionista, qualquer actividade comporta inelutavelmente custos calóricos, pelo que numa altura em que não exista abundância (ou super-abundância) de comida, nem comida com elevada densidade calórica, é um risco desnecessário para a sobrevivência de cada um. Ora, abundância (ou super-abundância) de comida foi algo que nunca existiu até à «revolução da biomassa» ou da agricultura; sendo a grande disponibilidade de comida de elevada densidade calórica uma invenção e um acontecimento muito mais recentes e, ainda assim, tendo ficado circunscrita aos países industrializados ricos. Não se sabe muito, no actual estado de conhecimentos, acerca dos antepassados da espécie; mas existe a certeza, por uma pura questão de lógica, de que foram bem sucedidos em duas tarefas básicas: sobreviver e reproduzir-se. Não será por conseguinte muito ousado concluir, como o fazem ainda Gaulin e McBurney (2004), que «we therefore evolved a metabolism and psychology that says to eat when food is available; work for it when you need it; rest when you are not hungry» (p. 224). Trabalhar, mesmo num putativo sentido ancestral (e natural) de apenas assegurar a sobrevivência, não terá sido nunca algo que ocupou uma parte maior do dia-a-dia dos homínidos que antecederam o *homo sapiens*.

Mas a espécie humana nunca se limitou a *apenas* sobreviver: por razões diversas, evoluiu um conjunto extenso e complexo de características próprias, articuladas em torno do seu cérebro hipertrofiado, características essas que com ele co-evoluíram; conjunto esse que a obrigou (e continua a obrigar) a tarefas inexistentes ou incipientes noutras espécies, como (em primeiro lugar) o longo período de dependência absoluta e de cuidados intensivos a que obriga a progenitura humana; sabendo-se que quanto maior for esse período de «vida embrionária» pós-natal, maior será o grau de cerebralização da espécie. Conjunto esse que lhe permitiu desenvolver novas actividades, como caçar em grupos coordenados; como tomar conta dos mais velhos (e não apenas dos mais

novos), dos doentes ou dos mais fracos; como criar e manter fogo, armas e ferramentas; como fabricar objectos de ornamentação, ou outros presentes, para oferecer por ocasião de visitas rituais a membros de tribos vizinhas; etc. Acabando por lhe permitir, por intermédio de vários círculos virtuosos, desenvolver uma inteligência criativa própria, que por sua vez esteve na origem de novos conjuntos de actividades, da música à arte, da cultura (numa acepção ampla) à tecnologia e à Ciência.

Ou seja, a espécie humana nunca trabalhou, no sentido em que hoje se entende o termo e o conceito, mas também nunca esteve parada. Pelo contrário, desenvolveu um conjunto cada vez mais elaborado, cada vez mais complexo e intricado de actividades, das quais algumas, como caçar e colher alimentos vegetais, são evidentes e podem ser quantificadas; enquanto que outras são ao invés subtis, nem sempre evidentes e por vezes meramente simbólicas; correspondendo, no fundo, às «propriedades espantosas» referidas atrás com Dobzhansky (1970): saber fazer a discriminação entre o belo e o feio, entre o bem e o mal, etc. Às quais se poderiam acrescentar outras, não menos importantes, como a sexualidade erótica (e não apenas funcional ou reprodutiva); ou ainda mais importantes, como a cooperação, a reciprocidade, a empatia e o sentido de justiça, que já existem noutras espécies (e não apenas nos primatas superiores), mas que evoluíram no *homo sapiens* para níveis nunca antes alcançados e que foram até responsáveis pela própria viabilidade da espécie em períodos remotos, nos quais (sabe-se hoje) esteve ameaçada de extinção. Significando tudo isso que a saúde (na acepção ampla defendida pela OMS desde 1948)<sup>26</sup>, o bem-estar, a qualidade de vida têm raízes muito profundas, ou antigas, na longa história da evolução da espécie. Sendo ao mesmo tempo, e por isso mesmo, matérias que não são simples, tal como seria de se esperar: aquilo que faz com que o ser humano, na sua própria complexidade (superlativa), sinta alegria ou sofrimento, sinta (ou não) um estado de completo bem-estar (físico, mental e social), etc., não se pode resumir a fórmulas simplicadoras ou doutrinas fáceis. Do mesmo modo que a saúde não é meramente a ausência de doença ou enfermidade.

2. A perspectiva evolucionista parece estar, e em grande medida está efectivamente, muito afastada do mundo do trabalho e das organizações. O trabalho, tal como ainda hoje é concebido, mesmo nos países mais desenvolvidos, tem ainda muito pouco de

---

26 Citando a própria OMS: «Health is a state of complete physical, mental and social well-being and not merely the absence of disease or infirmity. The bibliographic citation for this definition is: Preamble to the Constitution of WHO as adopted by the International Health Conference, New York, 19 June - 22 July 1946; signed on 22 July 1946 by the representatives of 61 States (Official Records of WHO, no. 2, p. 100) and entered into force on 7 April 1948. The definition has not been amended since 1948.»

---

«natural», mesmo que tenha vindo (aos poucos) a incorporar componentes, dimensões, ritmos (etc.) mais humanos ou menos «mecanicistas». Conserva, pelo contrário, uma dimensão de artificialidade muito considerável, decorrente sobretudo da Era Industrial. Contudo, esse modelo esgotou-se e é necessário redefinir e reformular as actividades pensadas, deliberadas e organizadas, às quais se chama «trabalho», na sua multiplicidade de formas. Do mesmo modo que é necessário repensar o lazer ou as múltiplas outras actividades ou interesses que com ele partilham (sobretudo hoje em dia) o espaço e o tempo do próprio existir humano; e que com ele competem, aliás. Sabendo-se ou aceitando-se, pois, que muitas das formas de trabalho nascidas com a Era Industrial correspondem a tipos de actividade que nunca existiram no muito longo evolutivo da humanidade; não lhe sendo, por conseguinte e nesse sentido, «naturais»; não fazendo parte da (por assim dizer) natureza humana ou do seu repertório natural de comportamentos ou esquemas mentais inatos, tanto quanto é possível definir uma «natureza humana». Sabendo-se e aceitando igualmente que não se sabe muito sobre quase nada nesta matéria, em especial sobre tudo aquilo que diz respeito ao futuro e à sua imprevisibilidade.

É no entanto e realmente formidável que sobre esta matéria exista ao mesmo tempo um universo tão grande por explorar; *a fortiori* numa altura como esta, em que, um pouco por todo o mundo, se repensa o próprio conceito de trabalho (assim como as organizações onde ele tende a ocorrer), devido em parte aos problemas decorrentes ou co-ocorrentes das actuais realidades atrás referidas, tais como as fusões e repetidas reorganizações das empresas ou, sobretudo, a introdução de novas tecnologias. «These are exciting times for those concerned with job and work design», referem com justeza Parker e Wall (1998): «More than ever before, companies are introducing new forms of work organization, often involving major changes in the nature of peoples' jobs. The opportunity to create more fulfilling and effective work is considerable; but so is the danger of making it worse» (p. ix).

No caso concreto da Psicologia Evolucionista, o seu contributo tem que passar em termos genéricos por esse desejo ético (ou receio) partilhado pela comunidade científica de não se agir mal ou de não se fazer pior; colocando por exemplo o primado das transformações em curso nas variáveis erradas (mercantilistas, economicistas, tecnológicas, etc.). Passa em seguida, em termos mais concretos, por todos os contributos, pequenos e grandes, que a perspectiva evolucionista possa trazer a uma tal tarefa, cuja complexidade convém não minimizar. Contributos pequenos, como aqueles que apresenta (por exemplo) Carey (2012) e que dizem respeito aos componentes supostos do ambiente ancestral, ou «ambiente da evolução adaptativa». Ambiente esse que, tal como foi atrás explicitado e sublinhado, não corresponde a nenhum *habitat* específico, mas antes a

um conjunto heterogéneo de propriedades dos ambientes ancestrais que tiveram impacto na adaptação psicológica da espécie. Ou seja, ainda que dele se possam extrair componentes físicas, como o defende Carey, referindo a necessidade de luz solar ou de vegetação circundante, *é sobretudo a dimensão psicológica e social a que tem que se atender*; em particular, às interações sociais com outros seres humanos (ou mesmo com animais, como o defende aliás a mesma autora); uma vez que o «ambiente da evolução adaptativa» foi principalmente determinado pelo modo de vida e pela realidade demográfica das populações humanas do Plistoceno; e não tanto pelas condições físicas, sujeitas a enorme variabilidade (por exemplo climatérica) durante um tão grande período de tempo.

Contributos concretos mas amplos, exemplificados pelos aspectos defendidos por Buss (2000), no sentido de compreender e ultrapassar alguns dos maiores obstáculos evolucionários para se atingir uma melhor qualidade de vida, entre os quais pontificam aspectos actualmente triviais, como as discrepâncias entre os ambientes ancestrais e modernos (em particular ao nível psicossociológico).

Contributos gerais, enfim. Ou seja, as grandes linhas de orientação, que passam por uma reflexão de fundo, estruturante, ainda mal iniciada, acerca das dimensões que de algum modo possam ajudar a definir e a compreender a natureza humana, caso tais aspirações sejam possíveis e realizáveis. Em particular, no que à organização do trabalho e das organizações diz respeito, que possam contribuir para conhecimento e a compreensão de todos os fenómenos, quantas vezes paradoxais, que tornam a espécie humana numa espécie intrinsecamente (mais do que isso: inelutavelmente) social: o altruísmo, a cooperação, a reciprocidade, a empatia, o sentido de justiça. A espécie humana evoluiu sempre no sentido da sociabilidade. O seu bem-estar, dentro e fora dos locais de trabalho onde passa grande parte dos seus dias, depende em grande medida disso mesmo. Se trabalhar, recordando as palavras de Faulkner, é a única coisa que se consegue fazer durante oito horas, seria desejável que essas oito horas fossem realizadas em condições que vão ao encontro dos possíveis vectores que definem a saúde, o bem-estar, a qualidade de vida.

3. É conhecida a argumentação de Karl Popper (apresentada em *The poverty of historicism*) acerca de não se poder prever o futuro; disso se tratar de uma impossibilidade lógica, nomeadamente porque o curso da história humana é influenciado pelo próprio crescimento do conhecimento humano (aliás, mesmo no mundo muito mais restrito dos fenómenos lineares e mecanicistas, existem situações para as quais não é possível prever o curso exacto dos acontecimentos).

---

No entanto, existem constrangimentos no passado ou no presente que tornam certos acontecimentos mais prováveis do que outros. O legado da Era Industrial é um desses constrangimentos. Um legado pesado ou mesmo insustentável, como se tem vindo a constatar nas últimas décadas, em várias áreas e, em particular, nos termos da definição e da conceptualização do que é (e deverá ser, no futuro próximo) o trabalho.

É um facto que, pouco a pouco, devido a pressões diversas, os países industrializados têm vindo a libertar-se desse legado, quer atribuindo as tarefas mais perigosas, mais duras ou mais destituídas de sentido aos novos «escravos», os *robots*<sup>27</sup>; esses sim desenhados e concebidos deliberadamente (e artificialmente seleccionados) para as cumprir, de forma infatigável. Quer, por outro lado, reorganizando o trabalho, de modo a torná-lo mais motivante; procurando para isso, logicamente, descobrir o que é que fundamentalmente motiva a pessoa humana.

É de igual modo um facto que se tem avançado bastante, ainda que num passo hesitante, com avanços e recuos, procedendo por ensaios e erros, usando como bússola sobretudo as referências (ou os indicadores económicos) da produtividade ou da rentabilidade. Seria agora necessário prosseguir esse caminho utilizando um outro azimute, não ignorando acima de tudo o espólio de novos conhecimentos e de pistas heurísticas que tem vindo a ser descoberto, ou revelado, pelas várias ciências biológicas em torno da Psicologia e que a perspectiva evolucionista tem procurado colocar em relevo.

## REFERÊNCIAS

- Bachelard, G. (1938). *La formation de l'esprit scientifique: Contribution à une psychanalyse de la connaissance*. Paris: Vrin.
- Bachelard, G. (1971). *Épistémologie [Textes choisis]*. Paris: P.U.F. (várias re-edições).
- Badcock, C. (2000). *Evolutionary psychology: A critical introduction*. Oxford: Polity.
- Buller, D. (2005). *Adapting minds. Evolutionary psychology and the persistent quest of animal for human nature*. The MIT Press.
- Buss, D. (2000). The evolution of happiness. *American Psychologist*, 55(1), 15-23.
- Calvin, W. H. (1991). *The throwing Madonna: Essays on the brain (Second edition)*. Bantam Books. Kindle Edition.

---

27 Que é, aliás, o significado original do vocábulo «robot», vulgarizado no Ocidente pelo romance do escritor checo Karel Čapek, mas conhecido nas línguas eslavas, na sua ortografia original da qual derivou («robot»), significando trabalho duro, escravidão, trabalhador à força, etc.

- Canavarro, M. C. (2010). Qualidade de vida: Significados e níveis de análise. In M. C. Canavarro, & A. V. Serra (Coord.), *Qualidade de vida e saúde: Uma abordagem na perspectiva da Organização Mundial de Saúde* (pp. 3-22) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Darwin, C. (1859). *On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. Londres: John Murray.
- Diamond, J. (1997). *Guns, germs, and steel: The fates of human societies*. Nova Iorque & Londres: W.W. Norton.
- Dobzhansky, T. (1970). *Genetics of the evolutionary process*. Nova Iorque & Londres: Columbia University Press. [Tradução francesa de Yves Guy, revista por T. Dobzhansky & E. Boesiger: *Génétique du processus évolutif*. Paris: Flammarion, 1977.]
- Dobzhansky, T. (1970). Nothing in biology makes sense except in the light of evolution. *American Biology Teacher*, 35(3), 125-129.
- Gaulin, S. J. C., & McBurney, D. H. (2004). *Evolutionary psychology (Second edition)*. Upper Saddle River, NJ: Pearson Education/Prentice Hall.
- Gayon, J. (2007) «Préface». In Workman & Reader, *Psychologie évolutionniste. Une introduction*. Éditions De Boeck Université.
- Gould, S. J. (1999). *Rocks of ages: Science and religion in the fullness of life*. Nova Iorque: Ballantine Books. [Tradução francesa de Jean-Baptiste Grasset: *Et Dieu dit: «Que Darwin soit!»*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.]
- Laland, K. N., & Brown, G. R. (2011). *Sense and nonsense: Evolutionary perspectives on human behaviour (2nd ed.)*. Oxford: Oxford University Press.
- Morin, E. (1973). *Le paradigme perdu: La nature humaine*. Paris: Éditions du Seuil.
- Parker, S., & Wall, S. (1998). *Job and work design: Organizing work to promote well-being and effectiveness*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Pinker, S. (2002). *The blank slate: The modern denial of human nature*. NY: Viking.
- Russell, B. R. (1912). *The problems of philosophy*. NY: Henry Holt; Londres: Williams and Norgate. [Tradução portuguesa de António Sérgio: *Os problemas da Filosofia*. Coimbra: Almedina, 2001.]
- Schabracq, M. J. (2003). Everyday well-being and stress in work and organisations. In M. J. Schabracq, J. A. M. Winnubst, & C. L. Cooper (Eds.), *The handbook of work and health psychology (2nd. ed.)* (pp. 9-36). Chichester (UK): John Wiley & Sons.
- Schabracq, M. J., Cooper, C. L., & Winnubst, J. A. M. (2003). Introduction. In M. J. Schabracq, J. A. M. Winnubst, & C. L. Cooper (Eds.), *The handbook of work and health psychology (2nd. ed.)* (pp. 1-6). Chichester (UK): John Wiley & Sons.
- Stein, D. J. (2006). Evolutionary theory, psychiatry, and psychopharmacology. *Progress in Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, 30(5), 766-773.
- Terkel, S. (1972). *Working: People talk about what they do all day and how they feel about what they do*. NY: Ballantine Books.

- 
- Tooby, J., & Cosmides, L. (1992). The Psychological Foundations of Culture. In J. Barkow, L. Cosmides, & J. Tooby (Eds.), *The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture* (pp. 19-136). NY: Oxford University Press.
- Urbano, P. (2007). *Da história e da epistemologia da Psicologia*. Tese de Doutoramento não publicada em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Urbano, P. (2015). Au-delà de la mort, au-delà du plaisir: La sexualité selon une perspective évolutionniste. *Études Sur La Mort*, 147(1), 39-52.